

Uma análise sobre a escola enquanto um dispositivo de segurança nas obras de Michel Foucault

Eduardo Alexandre Santos de Oliveira
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Irati - PR

Resumo: Trata-se de uma investigação que percorre os estudos de Michel Foucault abordando de que maneira as escolas, verificadas por esse pensador, funcionam enquanto um dispositivo de segurança. Analisa-se o que é um dispositivo dessa espécie e esclarece-se o conceito de governamentalidade, o qual permite prosseguir com o propósito desse trabalho. Percebe-se que, nos estudos referentes à sexualidade, o pensador verifica tal instituição operando aspectos do biopoder – característicos do dispositivo de segurança, que atua na edificação de traços biológicos de uma população – quando constitui crianças por meio de discursos considerados verdadeiros acerca do sexo. Observa-se também, a relação entre a escola e outros dispositivos que a complementam e que são complementados por ela, tais como a família, o médico e o jurídico: essa situação finda numa arte de governar.

Palavras-chave: Foucault. Dispositivo de segurança. Escola. Sexualidade infantil. Biopoder.

Abstract: This is an investigation that runs through the Michel Foucault's studies addressing how schools, verified by this thinker, work as a security device. Addresses is what a device of this kind and clarifies the concept of governmentality, which allows further for the purpose of this work. It is noticed that in the studies related to sexuality, the thinker finds that institution operating aspects of biopower – characteristic of the safety device, which acts in building biological traits of a population – when is children through speeches considered true about sex. It is also observed the relationship between the school and other devices that complement and are complemented by it, such as family, medical and legal: this situation ended in statecraft.

Keyword: Foucault. Security device. School. Infantile sexuality. Biopower.

O que é um dispositivo de segurança

Verifica-se nos estudos do filósofo francês, Michel Foucault, a atuação da escola enquanto um dispositivo de segurança. Entretanto, para

a efetivação do pretendido mapeamento discorre-se, primeiramente, sobre o que é um dispositivo – sobretudo dessa espécie – e como funciona.

No denominado período genealógico, ao estudar o sujeito, Foucault cria o conceito de dispositivo. Esses consistem em estratégias, táticas¹, (Cf. FOUCAULT, 1979) que configuraram corpos e almas e, também, fabricam populações para atenderem determinada urgência histórica²: a escola, a prisão, a família, são alguns desses dispositivos.

Tais configurações são possíveis por meio do que o pensador francês denomina de poder e de saber. Pelo primeiro, o filósofo francês compreende ações sobre ações: é o exercício do poder que molda os corpos e as subjetividades dos indivíduos. Já o segundo, Foucault entende como formação discursiva em conjunto de regras anônimas, históricas, sempre em locais e épocas específicas: num momento, emite-se certo enunciado e isso dito se configura como um saber verdadeiro, que, ao ser ensinado por meio da relação de poder, atua de maneira disciplinar. Numa escola, por exemplo, quando os professores notam seus alunos sentados de forma tida como inadequada, podem repreendê-los e corrigi-los pondo-os em posição correta. Nesse caso, essa foi uma ação do professor sobre a do aluno que se pautou num saber considerado verdadeiro, como por exemplo, que a má postura compromete movimentos corporais: assim a criança cresce de acordo com a postura considerada apropriada e, também, pensa a partir desse conhecimento.

Num primeiro momento, Foucault aborda esse dispositivo sob a esfera disciplinar, em seu livro *Vigiar e punir* (2007), entretanto, em trabalhos e cursos lecionados no Collège de France, após 1976, o pensador direciona o estudo do poder para outra perspectiva: trata do biopoder, uma forma de exercício de poder sobre a vida que, em suma, é:

[...] o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a

1. As táticas são instrumentos que permitem uma estratégia funcionar, a fim de que atenda a uma urgência. Os dispositivos podem ser táticos e estratégicos, mas nunca a urgência. A escola, por exemplo, é tática que participa da estratégia de infantilização, mas também é estratégia de sequestro da infância, todavia, ela não é a urgência.

2. Uma das urgências históricas que se pode abordar aqui, conforme evidenciada em dissertação de mestrado intitulada *Dispositivos, escolas e infantilidade*: um estudo foucaultiano em esboços, trata-se da manutenção do Estado por meio de sua população.

sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder. (FOUCAULT, 2008, p. 8).

O biopoder é fundamento para Foucault abordar o dispositivo de segurança. Em que consiste esse dispositivo e qual sua relação com o esse poder sobre a vida? Antes deve-se primeiramente abordar o que o pensador concebe por segurança. Por tal conceito, o filósofo entende formas de segurança que funcionam no interior de medidas de controle social que têm por objetivo modificar algo de biológico na espécie humana.

A partir disso, pode-se falar em dispositivos de segurança. Numa palavra, os dispositivos de segurança, então, são estratégias que visam constituir traços biológicos de determinada população. Tal regulação se dá a partir de determinados discursos biológicos considerados verdadeiros e é posta em andamento com o intuito de proteger certo povo de supostos males que comprometem sua vida.

Governamentalidade

Abordar o funcionamento da escola enquanto um dispositivo de segurança, não consiste em tarefa fácil. A dificuldade está no fato de não haver uma pista tão detalhada quanto à terceira parte do livro *Vigiar e punir*, que apresenta as escolas no aspecto do dispositivo disciplinar. Dessa forma, mapeia-se nos escritos de Foucault o funcionamento dessas instituições enquanto dispositivos de segurança. Para tanto, é preciso compreender um conceito que serve de propedêutica e permite dar prosseguimento a essa investigação: a governamentalidade.

Nas palavras do próprio filósofo:

Por esta palavra ‘governamentalidade’, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por ‘governamentalidade’ entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito tempo, para a preeminência, desse tipo de poder que podemos chamar de governo sobre todos os outros – soberania, disciplina

– e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. (FOUCAULT, 2008, p. 143).

Segundo Foucault, até o século XVIII, nos tratados sobre a arte de governar, visava-se, a obediência à lei, mas, desse período em diante, a finalidade dessa arte é a população. Significa que a governamentalidade dá condições de subsistência para a população³ e para tal, ela baseia-se em cálculos estatísticos que propiciam saberes sobre determinado povo⁴. Nota-se que essa arte é investida por aspectos do biopoder que infiltram a estratégia política. Trata-se de uma biopolítica⁵.

Para se concretizar, após um levantamento de saberes sobre a população, a governamentalidade perpassará uma série de dispositivos que a auxiliarão no combate de determinados males que assolam certo povo e, dentre os dispositivos, as escolas serão parte imprescindível para o êxito da arte de governar.

A escola enquanto dispositivo de segurança: o caso da sexualidade

O conceito de governamentalidade esclarece o funcionamento das escolas no aspecto do dispositivo de segurança. A arte de governar guarda aspectos do biopoder e tem por meta propiciar condições de subsistência à população. Para que seja concretizada, ela necessita de um dispositivo

3. Neste momento, Foucault acusa como insuficiente as argumentações apresentadas pelo pensador Nicolau Maquiavel e todo tipo de literatura que segue os moldes desse filósofo. Em *O príncipe*, Maquiavel (2001) escreve um tratado sobre o modo de como o príncipe deveria agir para conservar seu reino e, para tal, ele fará uma série de apontamentos, tais como não formar um exército de mercenários que poderia traí-lo, conservar determinados costumes de um povo conquistado, preferir buscar ser amado a ser temido, mas quando necessário ser reconhecido pela sua severidade, entre outros. Foucault diz que tais indicações apontam apenas para que se governe certo território e, na concepção do pensador francês, o que se governa, são os indivíduos e as relações que eles têm com as coisas. Para mais detalhes sobre tais considerações de Foucault a Maquiavel e a literatura que o segue, ver a aula de 1º de fevereiro de 1978, do curso Segurança, território e população.

4. “A população se converterá, então, no objetivo último do governo: melhorar as condições da população, aumentar suas riquezas, sua duração de vida, sua saúde.” (CASTRO, 2009, p. 335).

5. “Há que entender por ‘biopolítica’ a maneira pela qual, a partir do século XVIII, se buscou racionalizar os problemas colocados para a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes enquanto população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raça. Essa nova forma do poder se ocupará, então: 1) Da proporção de nascimentos, de óbitos, das taxas de reprodução, da fecundidade da população [...] 2) Das enfermidades endêmicas [...] 3) Da velhice, das enfermidades que deixam o indivíduo fora do mercado de trabalho. Também, então, dos seguros individuais e coletivos, da aposentadoria. 4) Das relações com o meio geográfico, com o clima. O urbanismo e a ecologia.” (CASTRO, 2009, p. 59-60).

técnico e, dessa forma, observa-se que uma das empreitadas se dá no âmbito das instituições escolares. As escolas tornam-se, nessa perspectiva, alvos de investimentos biopolíticos que contribuem para a defesa da sociedade. Mas em que sentido? O fato de recrutar crianças e adolescentes para seu interior com o propósito de evitar desordens na sociedade é um exemplo⁶. Uma das formas de desordem que mais interfere diretamente na população é o problema da sexualidade infantil – problema sobre o qual Foucault se dedicou.

Em que consiste esse problema? De que modo as escolas trabalham essa situação? Pois bem, tais questões podem ser respondidas, ao menos, em três momentos: na escola é constituída “[...] uma ‘sexualidade das crianças’ específica, precária, perigosa, a ser constantemente vigiada.” (FOUCAULT, 1979, p. 232). Essas instituições partem da ideia de que existe uma sexualidade infantil e, por esse motivo, organiza-se seu espaço para melhor observar os pupilos. “O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, [...] tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças.” (FOUCAULT, 1988, p. 30). A organização dos espaços escolares deve permitir a vigilância dos alunos para assim educá-los num certo aspecto da sexualidade.

A premissa de que existe essa sexualidade, a necessidade de vigiá-la e a organização espacial das escolas releva três pontos que incluem essas instituições como dispositivos de segurança: a) as escolas recebem crianças que fazem parte de uma população. Seus espaços organizados evitam circulações desenfreadas de males que possam atingir diretamente a população fora e dentro desses aparatos, tais como doenças relacionadas ao sexo (comenta-se uma das formas de combate à doença no terceiro tópico desse capítulo); b) a fragmentação do espaço das escolas: a arquitetura dos pátios, sanitários separados para meninos e meninas, latrinas instaladas a meia porta que propiciam a vigilância dos estudantes, assim como os ritos de educação como as disciplinas ou até mesmo brincadeiras, apontam essa instituição repleta de sexualidade por todos os lados. Nas palavras de Foucault, as “[...] instituições escolares [...] com sua numerosa população, sua hierarquia, organizações espaciais e seu sistema de fiscalização [...] indicam regiões de alta saturação sexual com espaços ou ritos privilegiados.”

6. “As escolas funcionavam principalmente de modo a conter desordens, neutralizar perigos [...] evitar a ignorância, a preguiça e a insubordinação.” (DEACON, 2006, p. 179). [Tradução minha].

(FOUCAULT, 1988, p. 46); c) por ser o espaço das escolas organizado e saturado de sexualidade, não se pode misturar os alunos aleatoriamente. Ao invés disso, eles são inseridos em certos espaços que permitirão a circulação controlada: daí a separação por idade, anos (séries) e turmas⁷.

O segundo momento, pode ser delineado do seguinte modo: existe certa tendência em afirmar que o sexo foi calado nas escolas por ser considerado impróprio aos pequenos. Foucault discorda de tal tendência e mostra que nessas instituições, a temática é colocada em discurso a ponto de fazer com que os pupilos falem dela.

Ora, se a sexualidade infantil existe e deve ser vigiada, ela é controlada. E de que forma se controla? Primeiramente, impõe-se certo discurso verdadeiro sobre o sexo e, em seguida, por meio de técnicas específicas, extrai-se dos aprendizes conhecimentos sobre o assunto. No caso da educação sexual da escola experimental, pode-se observar tal procedimento: impõe-se aos alunos determinado discurso limitado, verdadeiro e canônico sobre o sexo e, por meio da técnica de exame, extraem-se os conhecimentos dos aprendizes sobre a temática:

Para mostrar o sucesso da educação sexual ministrada aos alunos [...] Diante do público, um dos professores, Wolke, formulou aos alunos questões selecionadas sobre o mistério do sexo, do nascimento, da procriação: levou-os a comentar gravuras que representavam uma mulher grávida, um casal, um berço. As respostas foram esclarecidas, sem embaraço nem vergonha. [...] Finalmente foram aplaudidos os meninos rechonchudos que, diante da gente grande traçaram com destro saber as guirlandas do discurso e do sexo. (FOUCAULT, 1988, p. 31).

Coloca-se a sexualidade em assunto nas escolas com a intenção de educá-la, entretanto, tal propósito é acompanhado por outra meta, a de evidenciar saberes sobre o sexo das próprias crianças. E por sexo das crianças, o que se percebe? Que elas passam a ser vistas como dotadas de uma sexualidade diferenciada e periférica das dos casais que, de certo

7. “Tornou-se mais justificável, a separação das crianças [...] mais velhas das de idade mais baixa [...] As escolas começaram a desenvolver, em primeiro lugar, espaços funcionalmente diferenciados e, mais tarde, salas de aula separadas. A partir disso, os alunos foram distribuídos espacialmente e em série [...]” (DEACON, 2006, p. 182).

modo, foram capturados pelos dispositivos de aliança e de sexualidade⁸ e, por isso, é necessário que os aprendizes falem desse tema: trata-se de uma técnica que visa descobrir os mistérios do sexo e, conseqüentemente, edificar saberes sobre ele. E é essa sexualidade periférica que recai exatamente no problema da população exigindo, assim, técnicas biopolíticas – de governamentalidade.

Quanto ao terceiro momento, no século XVIII, perseguia-se o onanismo⁹ “[...] por toda parte como uma epidemia repentina, terrível, capaz de comprometer toda a espécie humana.” (FOUCAULT, 1979, p. 232). Por ser considerada um grande problema, a situação fica mais agravada nos pequenos: “[...] surge um pânico: os jovens se masturbam.” (FOUCAULT, 1979, p. 146). Ora, as crianças são parte de uma população, ou mais que isso, via-se “[...] a criança como semente das populações futuras.” (FOUCAULT, 1979, p. 232).

Consegue-se observar a empreitada das escolas nesse problema governamental: as instituições visam erradicar esse suposto mal por meio do exercício de poder do adestramento. Elas educam para impedir que as crianças pratiquem esse prazer considerado um malefício para o futuro da população.

O modo pelo qual esse poder é exercido nas escolas, consiste em um aspecto estranho à primeira vista, pois se erradica esse mal fazendo com que as crianças escondam o prazer como segredo. Ora, se nas escolas visa-se educar e descobrir a sexualidade marginal, por que o poder é exercido dessa forma que aparenta ser um obstáculo aos seus objetivos? Induzem-se as crianças a esconder a prática do onanismo a fim de descobrir o que as leva a praticá-las e quais os efeitos que ela provoca. Essa tática reafirma o argumento de que, nas escolas, busca-se a edificação de saberes sobre o sexo dos pupilos.

8. O dispositivo de sexualidade edifica discursos de sexualidade por meio do poder-saber. Esse sobressai-se ao de aliança que se caracteriza em modelos de fixação, entretanto, não o substituiu. Para um aprofundamento dessas duas modalidades de dispositivo ver FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

9. “O termo ‘onanismo’ é retirado da passagem bíblica de Onan. Quando da morte de seu irmão, a lei da época o obrigava a gerar uma descendência no lugar do irmão. Contrário à lei, Onan espalhou seu sêmen fora do corpo da esposa que lhe haviam atribuído e por isso foi punido com a morte. Desse episódio extraiu-se a palavra ‘onanismo’, como denominação científica da masturbação, considerada uma prática perversa.” (ROUDINESCO, 2008, p. 93).

As escolas, ao buscarem erradicar a prática do onanismo nas crianças, tornam-se um investimento governamental com o propósito de proteger a população. Se elas são um dos dispositivos investidos por essa arte de governar, outros o serão nessa empreitada. Isso significa que as escolas entram em harmonia com outros dispositivos táticos para a estratégia de educar e conhecer a sexualidade infantil. A partir disso, pode-se perguntar: qual a relação que as escolas possuem com outros dispositivos de poder-saber?

As relações das escolas com outros dispositivos

As técnicas governamentais que se infiltram nas escolas, a ponto de controlar, fabricar e conhecer a sexualidade infantil, não se limitam a essas instituições: elas perpassam outros dispositivos que auxiliam as escolas nesse objetivo estratégico. A arte de governar une um dispositivo ao outro, fazendo-os complementarem-se, mesmo que cada qual com seu propósito. Retoma-se aqui o problema do onanismo para abordar essa questão. As escolas se integram a uma rede de dispositivos que visa erradicar esse suposto mal e para isso, é utilizada a seguinte estratégia:

[...] foram alertados os pais e educadores, sendo entre eles semeada a suspeita de que todas as crianças eram culpadas e o medo de que eles próprios viriam a ser considerados culpados caso não desconfiassem suficientemente: tiveram de permanecer vigilantes diante desse perigo recorrente, foi prescrita a sua conduta e recodificada a pedagogia, e implantadas sobre o espaço familiar as bases de todo um regime médico-sexual. (FOUCAULT, 1988, p. 42-43).

A partir dessa técnica, pode-se descrever a forma que o poder falaria: “a sexualidade infantil, existe e é perigosa para o futuro da população, portanto, vigiem-na!” “Se a criança apresentar algum comportamento inadequado em relação a isso, a encaminhe às instâncias de correção médica”. “Se esse comportamento não for denunciado, você pedagogo, é suspeito de permitir e fabricar tal mal, uma vez que não vigiou e denunciou as crianças!” “O mesmo vale a vocês, pai e mãe!” Considera-se que, pelo medo de serem os causadores de tais problemas, a condição de polícia sexual das crianças é ocupada a todo o momento pelos adultos. Disso

decorre que esse discurso governamental une as escolas – a princípio – a dois dispositivos¹⁰, sendo eles, as ciências médicas e a família¹¹.

A partir disso, nota-se a participação da família nesse propósito governamental. Ela é um segmento da população e “[...] quando se quiser obter alguma coisa da população quanto ao comportamento sexual, [...] é pela família que se terá efetivamente de passar.” (FOUCAULT, 2008, p. 139).

E quanto aos médicos? Estes, por exemplo, ao fazerem as anotações, pareceres, e advertências, multiplicam saberes em torno do sexo das crianças. Dessa forma, os clínicos “[...] se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias.” (FOUCAULT, 1988, p. 31). Com os saberes médicos infiltrados nas escolas, “[...] os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades.” (FOUCAULT, 1988, p. 31). Os projetos são levados até ao dispositivo jurídico que formulará leis, que não serão impostas às crianças, mas, atuarão como um conjunto de táticas para a governamentalidade¹², tais como a necessidade dos pais de levarem as crianças para serem instruídas nas escolas, a urgência dessas instituições serem organizadas para pedagogizar a sexualidade dos pequenos, a necessidade desses aparatos ensinarem certos saberes para essa educação, entre outras. A partir desses projetos, “[...] os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de extorsão, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes.” (FOUCAULT, 1988, p. 31). Em suma: nesse recorte, as escolas são ligadas a três dispositivos: a família, o médico e o jurídico¹³.

Se os saberes médicos estão ligados às escolas e auxiliam essas instituições para alcançarem seu objetivo, pode-se perguntar de onde se constrói esse saber? Certamente, ele não existe a priori, mas é edificado

10. Adiante ver-se-á, também, um terceiro dispositivo, o jurídico, como se mostra a seguir.

11. “O controle escolar ativou todos os aspectos de controles laterais inteiros que permitiu a supervisão indireta de pais e famílias e, em última análise, a sociedade como um todo.” (DEACON, 2006, p. 182).

12. Segundo Foucault, “[...] não se trata de impor uma lei aos homens, trata-se de dispor das coisas, isto é, de utilizar táticas, muito mais que leis, ou utilizar ao máximo as leis como táticas; agir de modo que, por um certo número de meios, esta ou aquela finalidade possa ser alcançada.” (FOUCAULT, 2008, p. 132).

13. Abordar a constituição dos dispositivos jurídicos, demandaria um estudo aprofundado que tenderia a análises que escapam aos objetivos desse trabalho. Seria interessante abordar tal estudo, num outro momento. Para tal, recomenda-se investigar os textos de Foucault referentes ao período genealógico e também analisar dois estudos que trabalham diretamente essa problemática: FONSECA, M. A. *Michel Foucault e o direito*. São Paulo: Max Limonad, 2002; EWALD, F. *Foucault, a norma e o direito*. Lisboa: Vega, 1993.

graças às próprias escolas que vigiam. As escolas, ao permitirem relações de poder que sujeitam indivíduos – por todo o procedimento disciplinar – permite anotações sobre os alunos e, quando são identificados com determinadas anormalidades, a partir de discursos de governamentalidade (ou mesmo, discursos médicos), são encaminhados para as instâncias médicas, com relatórios que informam em que as crianças comportam-se de modo suspeito. As observações médicas criam outros saberes sobre essas crianças e, somente a partir deles, o dispositivo médico, auxilia os procedimentos que os professores e toda direção das escolas utilizam para normalizar e normatizar os alunos. Ora, isso significa que os saberes médicos sobre os pequenos somente são possíveis graças às instituições escolares que, ao lado da família, são a primeira forma de observação e a decorrente governamentalidade das crianças. Nas palavras de Foucault: “Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas [...] escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico.” (FOUCAULT, 1979, p. 149). Dessa forma, o dispositivo médico se apoia e sustenta o discurso escolar. Nota-se uma vez mais a governamentalidade unindo esses dispositivos uns aos outros.

Verifica-se aquilo que Foucault aborda em *Vigiar e punir* como o sonho *Panopticon*, o de direcionar um indivíduo à disciplina infinita. A governamentalidade – aplicada ao problema da criança – por fazer um dispositivo apoiar-se noutro, acaba por movimentar os pequenos de uma instituição à outra. A criança é deslocada da família para a escola que a educa na forma de aluno. Da escola, quando necessário, é enviada às casas médicas e, ali, está na condição de doente. Dessa última, quando corrigida, é devolvida à população – ao seio da família – que a envia, novamente, à escola. É um *continnum carcerareo*, a própria realização do sonho da tecnologia de poder do *Panopticon*¹⁴.

Considerações finais

Vislumbra-se que as escolas se inscrevem enquanto dispositivo de segurança pelo fato de visarem solucionar problemas biopolíticos e também, por funcionar como tática de uma estratégia de um objetivo que se impõe: darem condições de subsistência para a população, o que

14. Ver FOUCAULT, M. Terceira parte: disciplina. In: *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2007.

significa que essas instituições, ao serem tomadas como uma técnica de governamentalidade, defenderão a sociedade dos males que a colocam em perigo.

O perigo aqui tratado restringiu-se ao problema do sexo, do qual decorre a deterioração da população, segundo determinados discursos. Por isso, a sexualidade infantil passa a ser extremamente relevante sendo que necessita ser formada e controlada, pois, seu mau uso põe as crianças – pelos discursos governamentais do século XVIII – na condição de responsáveis por deteriorar a população futura. Dessa forma, nota-se, a empreitada das escolas como dispositivos que vigiam e controlam as práticas desse prazer, formando saberes sobre ele.

Mostra-se também que a própria divisão e distribuição dos estudantes nas escolas admite que existe essa sexualidade infantil a ser educada. As escolas, enquanto dispositivos táticos, funcionam no interior de uma estratégia governamental que não só sustenta os saberes como os da medicina (psíquicos e fisiológicos), bem como auxiliam sua formação. Os saberes da saúde física e mental adentram os dispositivos escolares, que, junto à família, encaminham as crianças às casas de saúde que, por sua vez, após corrigir os pequenos (segundo seu discurso), os devolve à população.

Nesse momento, é necessário também fazer uma averiguação pois, do contrário, omitir-se-ia algo de grande importância. Quando Foucault aborda o dispositivo de segurança, para configurá-lo, compara-o ao dispositivo disciplinar, até então abordado em *Vigiar e punir*, e os distingue, quanto aos seguintes aspectos: 1) no agenciamento do espaço, na perspectiva disciplinar, o espaço é fabricado e, na segurança esse se edifica de forma natural, em virtude da circulação de pessoas, mercadorias, das doenças, entre outros; 2) enquanto o dispositivo disciplinar regula e fiscaliza, o de segurança, se pauta nas liberdades do deixar fazer o que permite intervenções artificiais para o controle da população; 3) enquanto o dispositivo disciplinar limita e impõe o que é obrigatório, o de segurança nada impõe e atua na regulação do meio; 4) enquanto o disciplinar parte de uma norma que distribui o que é o normal e o que é anormal, o de segurança deduz a norma do âmbito normal que se constitui naturalmente.

Se um dispositivo de segurança se diferencia de um disciplinar quanto ao agenciamento do espaço, à regulamentação e o deixar fazer, a delimitação e a não imposição, à normalização e à normação, de que forma pode-se caracterizar as escolas na perspectiva de segurança? Pois bem, nos estudos de Foucault, seja sobre a sexualidade, sobre a prisão ou sobre a biopolítica, a escola é uma das instituições que o filósofo francês utiliza como exemplo – através da análise de documentos – para compor seus estudos. Sendo assim, não se encontra com precisão, nos trabalhos de Michel Foucault, o modo de funcionamento das escolas sob os aspectos da segurança, entretanto, se se observa o caso de doenças, há uma resposta que se sustenta, mesmo que temporariamente, no caso da normação e normalização. As patologias são fenômenos comuns à população e há uma porcentagem dela que morrerá por causa de certas doenças devido às precárias condições de vida. As escolas se inscrevem nesse processo porque educam alunos, por meio de um discurso governamental que se pauta em saberes médicos para diminuir ao máximo a mortalidade oriunda das patologias. Ela adentra os aprendizes, a fim de reduzir a chamada normalidade desfavorável e maximizar a favorável, mesmo que, para isso, ela utilize uma normatização disciplinar do tipo: “lave as mãos antes de comer, antes e após ir ao banheiro”¹⁵. Visto dessa forma, um dispositivo de segurança se infiltra e reativa as práticas disciplinares, como se observa nas escolas, vigiando a sexualidade infantil. Nesse sentido, afirma-se que as instituições de ensino se caracterizam tanto como um dispositivo disciplinar, quanto de segurança.

Nos seguintes exemplos – já não se circunscrevendo à análise de Foucault, embora o trabalho visou mapear os estudos desse filósofo – identifica-se na escola tanto o aspecto da segurança quanto o disciplinar. 1) Em 2012, a preocupação com os casos de dengue, faz as administrações de algumas cidades, como de Guarapuava-PR, por exemplo, mobilizar-se. Agentes de saúde vão às escolas e, por meio de palestras, ensinam as crianças a evitar a disseminação da doença, combatendo os focos. As famílias também participam de cursos, porque as escolas não atendem somente as crianças na condição de alunos, mas também, a população em geral. O combate à proliferação da doença diminui as taxas de normal desfavorável passando-os para o favorável, por meio de disciplinas das palestras.

15. “A escola não ensinou [...] apenas ler, mas também, a higiene.” (DEACON, 2006, p. 182-183).

2) Em 2009, o vírus da gripe H1N1, vitimou pessoas no mundo todo. Por isso foram modificados determinados aspectos disciplinares de algumas escolas, como de Guarapuava-PR e de Toledo-PR, com vistas ao controle da saúde da população que elas recebem. Foram disponibilizados recipientes de álcool-gel para desinfecção das mãos em todas as partes dessas escolas; aos alunos foi recomendado que, ao espirrarem, cobrissem as bocas com lenços, papel higiênico, entre outros, para que o possível vírus não se disseminasse. As aulas, sobretudo de ciências, se reforçaram em conteúdos atitudinais para o combate à doença. As orientações foram feitas pelo pessoal das Secretarias de Saúde e repassadas aos professores e ao corpo pedagógico dessas instituições para que transmitissem às crianças, com o propósito de diminuir ou eliminar o problema.

Tanto o caso da gripe, quanto o da dengue, mostram as instituições escolares atuando de maneira disciplinar e de segurança no aspecto da normação e normalização. Os discursos médicos invadem as escolas e as fazem modificar a postura disciplinar. Ensinar saberes formais, junto com aqueles que visam o combate de determinados males e incluir nas provas de ciências questões referentes aos problemas torna-se prática.

Até sobre a questão da regulamentação da sexualidade infantil e do deixar fazer – desde que em segredo –, pode-se apontar uma resposta. No caso do onanismo, permitir que as crianças escondam a prática como segredo, para depois descobrir quais os efeitos desse ato e o que leva a cometê-lo, é uma forma de permitir e, a partir disso, evidenciar os saberes sobre a sexualidade infantil.

Não encontrar, com evidência, o funcionamento das escolas em todos os aspectos do dispositivo de segurança, não impele investigar o papel das instituições na sociedade capitalista por meio da filosofia dos dispositivos de Michel Foucault. Ora, as escolas formam saberes e reproduzem poderes, constituem as crianças de uma população, compõem uma rede de dispositivos, funcionam como estratégias e táticas de uma estratégia, disciplinam os corpos, e o pensamento de Foucault serve como uma caixa de ferramentas para se encontrar características do dispositivo escolar que ainda não foram evidenciadas.

Nota-se que o modo pelo qual se investigou as escolas sob o aspecto do biopoder, muito se abordou a questão do discurso, entretanto, isso não significa que reduz-se o dispositivo a esse aspecto: ora, as escolas,

na perspectiva da segurança, possuem seus prédios configurados para o exercício do poder de vigilância, reproduzem e formam saberes: significa, em suma, que elas atuam pelo discursivo e o não discursivo. Se se apresentou o funcionamento dessa instituição com maior ênfase no discurso, talvez, seja pelo fato de se chegar ao limite de compreender o funcionamento dessa instituição nos escritos de Foucault.

Referências bibliográficas

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DEACON, R. Michel Foucault on education: a preliminary theoretical overview. *South African Journal of Education* v.26 n.2, p.177-187, 2006.

FONSECA, M. A. *Michel Foucault e o direito*. São Paulo: Max Limonad, 2002.

FOUCAULT, M. *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 34. ed. Petrópolis, Vozes, 2007.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, E. A. S. *Dispositivos, escolas e infantilidade: um estudo foucaultiano em escrituras*. 2013. 133f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2013.

ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.